

APRESENTAÇÃO

Desde a primeira edição do *Associação Livre*, o psicanalista e artista Alexandre Ricciardi vem enriquecendo nossa publicação com suas ilustrações. A imagem ao lado que compõe o artigo de abertura é mais uma criação sua, para a qual se inspirou em fotografias históricas da 2ª Guerra Mundial (acervo *The State Archive of the Russian Federation*) e da Guerra do Vietnã (“Falling Soldier”, por Robert Capa). Para muitos leitores, a imagem pode ser impactante. É uma representação trágica, violenta, do tema que permeia boa parte dos artigos deste número: pulsão de morte. Em “O mal-estar na política”, a reflexão sobre o sentimento que invade muitos de nós na crise política e social do país, estendendo-se às crises mundiais: terrorismo e fanatismo islâmico, guerras no Oriente Médio, conflitos na África, imigração na Europa. A presença de Tântalos em suas múltiplas manifestações, na desumanização que liga a mentira ao mal e nas várias faces de poder é abordada em outros artigos. Também a reflexão sobre a naturalidade da morte, o contato do psicanalista com ela e a experiência intensa, dolorosa e amorosa da perda de um ser amado. É ainda um dos temas da entrevista com Ignácio Alves Paim Filho, a quem agradecemos sua contribuição profícua e afetiva ao grupo de Brasília.

Cláudia Carneiro, editora

NESTA EDIÇÃO

- O mal-estar na política ▪ **Helena Daltro Pontual** ▪ 3
Sobre verdades e mentiras ▪ **José Costa Sobrinho** ▪ 7
Do poder e suas manifestações ▪ **Sylvain Levy** ▪ 11
Dois momentos, algumas ideias ▪ **Sylvain Levy** ▪ 12
Morrer em casa é possível ▪ **Cíntia Xavier de Albuquerque** ▪ 14
Pensadores Indiscretos - Entrevista com Ignácio Alves Paim Filho ▪ 16
Women and Psychoanalysis Committee - COWAP-IPA ▪ **Almira C. de C. Rodrigues** ▪ 22
Sobre o sexual infantil ▪ **Silvia Helena Heimburger** ▪ 24
O que for, quando for, é que será o que é - Fernando Pessoa ▪ **Keyla C. P. Vale** ▪ 26
Ocorno ▪ **Bruno Sahium Daher** ▪ 27

QUEM SOMOS

Edição
CLÁUDIA CARNEIRO

Equipe Editorial
CARLOS CESAR M. FRAUSINO
CÍNTIA XAVIER DE ALBUQUERQUE
HELENA DALTRO PONTUAL

Ilustrações
ALEXANDRE RICCIARDI

Projeto Gráfico e Diagramação
JULIANA ALBUQUERQUE
WWW.JUALBUQUERQUE.COM

Impressão e Apoio
GRÁFICA E EDITORA POSITIVA LTDA

Diretoria da SPB
MIRIAN BENDER RITTER DE GREGORIO, *Presidente*
LILIANA DUTRA DE MORAES AVIDOS, *Secretária*
MARIA DE LOURDES ZILLI GUIMARÃES, *Tesoureira*
MARIA SILVIA VALLADARES, *Diretora Científica*
ROBERTO CALIL JABUR, *Diretor do Instituto*

Jornal da Sociedade de Psicanálise de Brasília,
filiada à Federação Brasileira de Psicanálise, FEBRAPSI,
e à International Psychoanalytical Association, IPA.
WWW.SPBSB.ORG.BR ▪ SPBSB@SPBSB.ORG.BR
JORNAL@SPBSB.ORG.BR

Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião da SPBSb.

o mal-estar na POLÍTICA

Helena Daltro Pontual



“Estou motivada a repensar minha vida. Onde estou? Para onde vou? Quem eu sou?”. O questionamento, um tanto angustiado, foi manifestado a um grupo de amigos por uma pessoa que dedicou muitos anos de sua vida à militância política. Suas dúvidas me levaram também a pensar e repensar o que vem ocorrendo no país e na reação das pessoas que conheço diante dos últimos acontecimentos políticos.

Vejo, por um lado, no qual me incluo, aqueles que, frustrados e desiludidos com partidos políticos e ideologias, passam por doloroso luto das perdas de ideais, perspectivas e, muitas vezes, até mesmo de esperança num futuro melhor para o país nos próximos anos. Há, no entanto, aqueles que, apesar de tudo, tentam se agarrar ao passado ou ao que restou dele, pagando, muitas vezes, um alto preço com relação à família, amizades, saúde, trabalho e relações pessoais.

Parto da constatação feita pelo filósofo e professor Vladimir Safatle, na qual acredito, de que não é apenas o ciclo de desenvolvimento do lulismo (e do petismo) que acabou, mas também o modelo de governabilidade sintetizado no fim da ditadura militar – a chamada Nova República –, com sua dinâmica de conflitos, polaridades e projetos.

Em artigo publicado na Carta Capital (15/03/2015), Safatle diz que não adianta alimentar a ilusão de que o Brasil anda lentamente em direção ao chamado “aperfeiçoamento democrático” e à “consolidação de suas instituições”. Para ele, é difícil falar em aperfeiçoamento quando se percebe a impossibilidade da estrutura institucional brasileira em aumentar a participação popular nos processos decisórios do Estado, a permeabilidade da “partidocracia” brasileira a interesses econômicos, a corrupção como condição geral de funcionamento e sua representação imune a qualquer crítica às distorções.

Somam-se a tais ocorrências a vinda de mais uma crise econômica, com o descontentamento crescente da população e a perda de poder aquisitivo, principalmente daqueles que viveram o sonho de uma noite de verão de sair da miséria e ascender de classe social. Além disso, observa Safatle, cresce um conservadorismo comandado por uma direita com sua indignação farsesca e seu moralismo a servir apenas como arma contra os inimigos.

Dito isto, e estendendo essas reflexões a determinados acontecimentos mundiais (só para citar alguns: a Europa e a crise dos imigrantes, terrorismo e fanatismo islâmico, as guerras crescentes no Oriente Médio, miséria e conflitos na África), poderíamos pensar no início do século XXI como a Era da Desorientação, como bem definiu o psicanalista Christopher Bollas, analista didata da Sociedade Britânica de Psicanálise, em seu artigo publicado na Revista Brasileira de Psicanálise (Vol. 49, n. 1), intitulado “Psicanálise na Era da Desorientação: do retorno do oprimido”. Essa desorientação – tão bem manifestada pela militante política – envolve, segundo Bollas, mudanças de diversas ordens, que obrigam as relações humanas e a criatividade individual a sobreviverem ao mais duro dos tempos.

Para Bollas, não somos mais destrutivos do que antes, mas somos de longe mais perigosos. E isto tem produzido um medo e um desamparo nunca vistos antes, especialmente em face do processo de “pensamento” refrativo dos meios de comunicação, que não internalizam, contêm, metabolizam ou contextualizam os problemas, mas simplesmente irradiam espetáculos de perigo e tragédia em bilhões de objetos bizarros. Ao estudar as psicoses e os distúrbios da capacidade para pensar, Wilfred Bion (1897-1979) descreveu como bizarros os objetos parciais submetidos

a tantas clivagens que ficaram reduzidos a partículas minúsculas. Tais fragmentos dissociados ficam flutuando em torno do sujeito, ameaçando-o, no caso das paranoias, de diversas formas, vindas de lugar incerto e de modo imprevisível, como bem definiu David Zimerman (1930-2014).

Estaríamos nós dominados por uma pulsão de morte coletiva que nos impede de mudanças efetivas? O psicanalista J. B. Pontalis define a pulsão de morte como um processo de desagregação radical, um processo de clausura que não visa nada além de sua própria realização e cuja natureza repetitiva é a marca de sua instintividade.

Penso primeiro nos que estão fazendo seu luto pela perda de ideais e esperança no que um dia acreditaram. Mesmo aqueles que não são e nunca foram filiados a partidos políticos ou praticaram a militância política, mas que perderam algo valioso, que pode ser até mesmo seu poder aquisitivo, a crença de ver o país crescer e se desenvolver ou de ter um futuro melhor para si, seus filhos e netos. Perdas que parecem se repetir na história política recente do país.

No memorável *Luto e melancolia* (escrito em 1915 e publicado em 1917), Sigmund Freud define o luto, de modo geral, como a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou um ideal. No processo do luto, diz Freud, prevalece o respeito pela realidade e, de forma penosa, há um trabalho para que esse desprazer seja aceito, sempre encarada a realidade dos fatos. Quando esse trabalho de luto se conclui, o ego fica livre outra vez. O fato aqui é que aquele objeto amado, seja ele qual for, não existe mais, e o trabalho passa a exigir que toda a libido seja retirada de suas ligações com ele.

Observo, então, aqueles que não aceitam dados da realidade, fatos que aí estão para

observarmos e analisarmos, independentemente de partidos, mídias, classes sociais ou qualquer coisa. Que tentam justificar o injustificável, que parecem se apegar a esse objeto perdido porque não têm mais nada para se sustentar. Que insistem em procurar culpados fora da sua seara pela crise aguda em que vive o país (já ouvi várias alegações que incluem capitalismo internacional, CIA, elites, partidos de oposição etc). Não me refiro aos casos de puro oportunismo, mas à negação do ego a uma realidade intolerável.

Volto ao *Luto e melancolia*, quando Freud diz que essa exigência do trabalho de luto provoca uma oposição compreensível, pois ninguém abandona de bom grado uma posição libidinal, nem mesmo, na realidade, quando um substituto já está acenando para ocupar seu lugar. Tal oposição “pode ser tão intensa que dá lugar a um desvio de realidade e a um apego ao objeto (que foi perdido) por intermédio de uma psicose alucinatória carregada de desejo”.

No decorrer do texto, ao fazer a diferença entre o processo de luto e a melancolia, Freud sugere que a melancolia está de alguma forma relacionada a uma perda objetual retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda. “O melancólico exhibe ainda uma outra coisa que está ausente no luto – uma diminuição extraordinária de sua autoestima, um empobrecimento de seu ego em grande escala”. Freud diz mais: “No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego”.

Bollas questiona se estaríamos imitando a morte naquelas formações egoicas que constituem o retorno do oprimido. Para ele, o tiro para o futuro disparado pela Revolução Industrial deflagrou tentativas profundamente criativas e maníacas de captar e representar o sentido da vida humana antes que o pen-

samento ficasse à margem. Acrescento aqui que o fracasso do marxismo como forma de governo e de dominação ou alternativa ao capitalismo, tão bem representado pela queda do muro de Berlim, deixou as esquerdas que nele acreditavam um tanto na orfandade. Teriam esses grupos capitaneado para o repetitivo destrutivo?

Às vésperas da Segunda Guerra, em *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]), cujo tema principal é o antagonismo irremediável entre as exigências do instinto e as restrições da civilização, Freud observou: “Não nos sentimos confortáveis na civilização atual, mas é muito difícil formar uma opinião sobre se, e em que grau, os homens de épocas anteriores se sentiram mais felizes, e sobre o papel que suas condições culturais desempenharam nessa questão”. Para Freud, “a existência da inclinação para a agressão, que podemos detectar em nós mesmos e supor com justiça que ela está presente nos outros, constitui o fator que perturba nossos relacionamentos com o próximo e força a civilização a um tão elevado dispêndio de energia”. Em consequência dessa mútua hostilidade primária dos seres humanos, conclui Freud, a sociedade civilizada se vê permanentemente ameaçada de desintegração.

Nesse mesmo livro, Freud disse que os comunistas acreditaram ter descoberto um caminho para nos livrar de nossos males, o qual seria, em resumo, a extinção da propriedade privada, esta sim a origem do ‘mal’, corrompendo a natureza boa do homem. “Se a propriedade privada fosse abolida, possuída em comum toda a riqueza e permitida a todos a partilha de sua fruição, a má vontade e a hostilidade desapareceriam entre os homens”, observou Freud a respeito da doutrina marxista.

Freud salientou que não estava interessado

em criticar a economia do sistema comunista, tampouco investigar se a abolição da propriedade privada seria conveniente ou vantajosa. Disse, no entanto, ser capaz de reconhecer que as premissas psicológicas em que esse sistema se baseia são “uma ilusão insustentável”. Mais uma vez, minha reverência ao pai da psicanálise. Ruíram a China maoísta, a União Soviética e demais países que tentaram o caminho do comunismo. Ruíram os líderes comunistas de vários países, atolados na violência e na corrupção.

Sabemos que na vida, assim como na política, sempre viveremos lutos e perdas. Atenho-me novamente a Bollas e penso que o que esperamos é a produção de ideias viáveis para uma vida significativa. Talvez a falta dessas ideias tenha deixado parte de uma geração de luto e outra parte com uma melancolia, de certo modo, incapacitante. Para Bollas, as gerações do século XXI herdaram um mundo mentalmente comprometido, muito embora sempre reste alguma esperança na notável resiliência inerente ao ser humano.



Helena Daltro Pontual é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb) e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e jornalista.

SOBRE VERDADES E MENTIRAS

José Costa Sobrinho



Meu primeiro contato com a psicanálise se deu em 1970, quando eu com 20 anos de idade, no terceiro ano de medicina, me deparei, na biblioteca da escola, com uma revista nova que vinha da Universidade de Brasília, chamada *Alter*. Já o título me impressionou. Este Um Outro. Havia alguma coisa ali além do si mesmo, do pequeno universo periférico. E me chamou a atenção um texto assinado por Virgínia Bicudo. O tema acredito que era o título, era sobre ideologia e identificação. Vivíamos um período denso sob um regime militar e, como grande parte da juventude daquela época, eu me inscrevia na resistência e militava no movimento estudantil, sob as cores de uma ideologia, a socialista.

Aquele texto, ao mesmo tempo em que me

confirmava que as leituras nos conduzem por caminhos antes não percorridos, despertou em mim um questionamento sobre aquela escolha, e principalmente fazendo-me pensar sobre as motivações e o porquê da minha identificação com aqueles princípios. Não que isto me provocasse o abandono do que eu acreditava, mas abriu-se ali um novo campo.

Havia um desconhecido, um não saber, algo expansivo que aguçava a curiosidade, que transgredia os disfarces, as mentiras e falsidades tantas vezes contadas para nós mesmos. Eu começava ali a penetrar um campo de incertezas, de falta de garantias. Vinha, com os toques da sinceridade, o que havia de honesto e era o que podia aproximar-se da verdade. Era o pensar. Foi com este

encantamento que, passados muitos anos, me encaminhei para a psicanálise, e foi com estes elementos, então já realizados nas teorias, que observei e observei serem os condutores de uma boa prática.

Na clínica, a prática desses elementos se impõe e qualquer evasão será duramente denunciada. Recordo-me de uma vez em que, premido por aquilo que sentia como necessidade de um rigor analítico, e no qual teria que me livrar da memória (e do desejo e da compreensão também), tentei esquecer aquilo que eu já sabia, pretendendo que aquela sessão fosse como uma única, encerrada em si mesma e não um folhetim de novela, com suspense no corte do término e retomada na próxima. Então, fiz que não entendia o que meu paciente me trazia desde uma outra sessão. A falsidade ali, da parte do analista, se revelou e prontamente isto foi anotado. E retorna, sempre que pode: “um dia você foi falso...”, pontuando assim o inadmissível para a construção da intimidade emocional.

Um corte para o atual. Partindo para a observação do mundo que nos rodeia e que se desenvolve com uma revolução tecnológica em curso, as próprias relações econômicas se modificando e a conectividade subvertendo velhos conceitos nas relações interpessoais e na comunicação. Todos podem ter seus 15 minutos de fama, na confirmação da velha profecia de Warhol. As opiniões estão à disposição e fala-se o que quiser. Não há necessidade de se permanecer no desconhecido, o não saber é substituído por um conhecimento imediato via Google. Os seres se organizam, podem combinar encontros ou manifestações. Estas, movimentos da livre expressão e de ordem primitiva, portanto com organização precária, multifacetadas e, assim sendo, inorgânicas, funcionando como representantes das pulsões. Houve uma primavera árabe e um Occupy Wall Street. As ruas bombam. Um califado islâmico surge no Oriente Médio, promovendo o terror e a irracionalidade. Institui-se uma convergência de pensamentos ou (pré) conceitos, onde tudo é possível.

Conquistas no campo da civilidade, direitos humanos e civis, frutos de um processo civilizatório duramente empreendido, podem ser contestados e combatidos, a intolerância aí se revelando.

Por outro lado, as relações amorosas se modificam, as unidades familiares se transformam, a transparência na informação começa a se impor. As formas estabelecidas e usuais de poder, os governos e sistemas de produção começam a apresentar rachaduras em suas estruturas. A privacidade, que é tida como uma meta, já é de antemão deixada de lado. Sob a modernidade, são os mesmos vínculos de amor e ódio que se confrontam. E é dentro deste campo, muitas vezes caótico e fragmentado, que penso sobre o papel da psicanálise, sobre se haveria uma função no coletivo. Ou mesmo, como se manter individualmente íntegro, com suas crenças, aqui eu já diria civilizatórias.

Freud, em *Além do Princípio do Prazer*, e citado por ele em *O mal-estar na civilização*, nos fala da agressividade inata do ser humano e nas meras inibições da meta da sexualidade que a civilização impõe ao homem, colocando-o em um plano amoroso que impeça pelo menos a desintegração das sociedades. Este plano amoroso, responsável por disciplinas e filosofias que pretendem que o homem seja fundamentalmente bom, mantém as utopias, tanto as individuais quanto as coletivas. É um conjunto romântico de ideias que, no entanto, coaduna-se com olhar para o horizonte que elas propiciam, de efeito expansivo e curioso.

Não seria ousadia pensar que as crenças, religiosas ou não, e ideologias de qualquer ordem se assemelham aos contos de fadas, com suas promessas de redenção, remissão dos pecados e prevalência do bem sobre o mal, fornecendo a qualidade moral da natureza humana.

O mundo moderno, após breve período de introjeção de culpa e um processo civilizatório e agregador, traz a emergência dos elementos destrutivos. É aí que busco a ligação entre eles e a falsidade e a mentira, de fundo não erótico e, portanto, não a serviço da libi-

do. Atravessamos um momento em que ocorre uma desumanização do indivíduo. Mentiras são propagadas como se fossem verdades. Pessoas são linchadas nas ruas. O diabo está solto. O totalitarismo mostra seus dentes.

Minhas associações prosseguem, nessa curiosidade da ligação da mentira e do mal. Surge-me à frente um texto de Coline Covington (*Livro Anual de Psicanálise*, vol. XXVIII-2), no qual ele contextualiza o pensamento de Hannah Arendt (expressas em seu ensaio “Algumas questões sobre filosofia moral”) no campo da psicanálise. Segundo Arendt, na tentativa de compreender a psicologia moral do indivíduo nas situações onde impera a irracionalidade, mais do que o ódio ou maldade, as razões dos comportamentos são ausência de pensamento, imaginação e memória. Não há empatia com o que se passa com o outro. Há uma inflexão narcísica, onde o que importa é o si mesmo, seja na fantasia da sobrevivência frente a um mal imaginado, seja na prevalência de um sobre o outro, na disputa primitiva de domínio. É o que pode ser chamado de identificação do ego com o ideal do ego. Ainda segundo Arendt, a falta de imaginação leva o sujeito a não compreensão sobre as consequências de suas ações. A brutalidade é permitida através da despersonalização do outro. A presença do mal, segundo Arendt, surge a partir do fracasso de pensar a partir do ponto de vista do outro. Seria mesmo o fato de não poder imaginar a alteridade, sob o domínio de um narcisismo mortal. O ser humano é transformado em um ser supérfluo, sem lugar e amorfo. Assim, passa a ser também fora da lei.

A presença do mal é apontada por Freud quando fala de sua essência, que pode ser verificada nos estados de guerra e na vigência do êxodo das populações. No momento atual, a Europa vive um fluxo migratório intenso, correspondente a um êxodo, vindo do Oriente Médio em guerra. E surpreendentemente – e o que parece ser até uma afirmação dos princípios civilizatórios – grande parcela das populações dos países hospedeiros se levantam em solidariedade aos imigrantes,

se insurgindo contra os grupos conservadores e hostis. Há uma resistência ao avanço da barbárie, e pode-se pensar que alguma coisa foi aprendida com a experiência do passado.

Meu pensamento volta à sala de análise e a certas situações que podemos configurar como impasses, quando há uma concordância absoluta do analisando com o analista, quando tudo que um diz é prontamente acordado com o outro, em um campo de gozo pleno para os dois, sem avanços e dentro de um estado mortífero de repouso. Penso então no que sucede no campo social, nas relações entre as pessoas, na concordância entre elas e no estabelecimento de um pensamento único, sem crítica, e que tipo de impasse seria esse, em termos de função transformadora.

O que se pode pensar é que as coisas se passam como se houvesse uma eliminação das diferenças, isto advindo de um narcisismo que propõe a perspectiva única. Os estados totalitários sempre se basearam nesta ilusão da onipotência, reprimindo o contraditório e recusando o pensar. Se nos aproximamos pela ótica bruneana, observamos que são campos saturados, sem expansão, sem curiosidade, onde o conflito é evitado pela negação e pela falsidade. Ascende-se ao inquestionável e incontestável e assistimos o retorno do velho dogma. E é nesse tempo e nesse espaço que permanecemos entre a resistência e a transferência, na busca do devir e na escuta do latente, além da aparência.



José Costa Sobrinho é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

DO PODER E SUAS MANIFESTAÇÕES

Sylvain Levy

O poder pode se manifestar de várias maneiras. As mais comuns são: a força, o dinheiro, as ideias/ideologias, o conhecimento/informação, a hierarquia, e o afeto.

As Forças Armadas, as polícias, os bandidos e traficantes são as faces mais visíveis do poder da força.

O poder do dinheiro é o mais evidente e, ao mesmo tempo, o mais sutil. Os bancos e corporações financeiras são a porção mais evidente, porém os grandes anunciantes da mídia exercem uma força invisível que influencia e muitas vezes manipula as informações publicadas (dadas a público) e que acabam orientando o pensamento das comunidades.

As ideias, que servem de base às ideologias, têm o poder de galvanizar as mentes e produzir ações em qualquer direção, desde as espirituais e religiosas até as violentas e genocidas, como as fundamentalistas: inquisição, nazismo, Estado Islâmico.

O conhecimento e a informação talvez sejam o poder mais antigo que é permanentemente atualizado. Sua modernização pela

internet com os sites de busca e conhecimento e, principalmente, pelo domínio das tecnologias de informática e de comunicação transformou o mundo e fazem das demais manifestações de poder quase um subproduto desse poder.

A hierarquia fica sendo uma manifestação de poder que funciona com a unificação com alguma das outras manifestações, como a força com a ideologia, o dinheiro com a informação, a ideia com a força, e o afeto com qualquer delas.

O afeto é uma manifestação eminentemente subjetiva. Das relações familiares às técnicas de relação médico-paciente, passando por todas as construções relacionais, os afetos e desafetos, amorosos e odiosos, as emoções de desejos e temores, governam o comportamento humano e podem se sobrepor às demais manifestações.

É comum escutar a frase que alguém pretende manter o poder apenas pelo poder, sem outra intenção que a de exercê-lo. Não é fácil entender essa afirmação, pois qualquer poder tem por definição, além de sua mani-



festação, o seu uso. Essa é a única razão para quem o deseja, lute por ele e o possua. Usá-lo.

A presidente Dilma Rousseff, ainda como candidata, disse “que faria o diabo para ganhar as eleições” e assim manter seu cargo e poder. Fez isso e ganhou. Após a posse foi abrindo mão, naco por naco, de cada uma das parcelas dos poderes atinentes às suas funções.

Em vários discursos, a presidente deixa claro seu orgulho pela sua vida de militante e exalta os preceitos que a levaram a lutar contra a ditadura e se tornar guerrilheira.

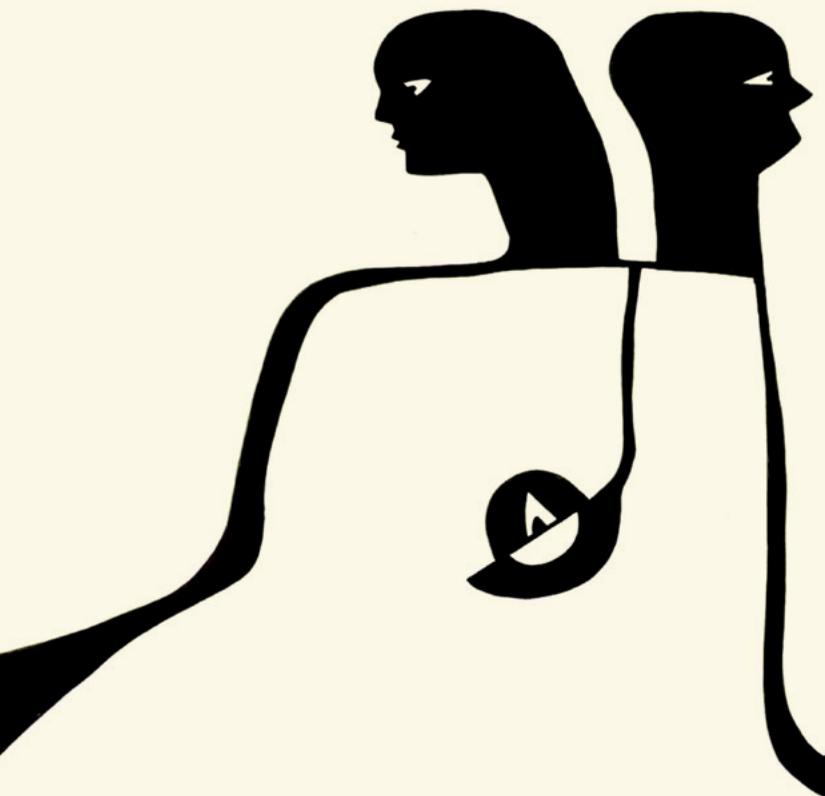
A guerrilha é um movimento contra o poder estabelecido que não encontra outra maneira de se manifestar que pela força, ou seja, a mesma forma de manifestação de poder daquele poder estabelecido, numa prática milenar do olho por olho, dente por dente. Por definição a guerrilha é autônoma em sua organização, independente em sua ação, e livre de amarras éticas.

Depois de suas últimas ações, podemos afirmar que a guerrilheira abandonou as armas e os conceitos, e se submeteu. A pergunta que pode ser feita é: pelo que se submeteu, se

todos os princípios de manifestação do poder foram por ela abandonados?

A resposta pode ser encontrada numa outra manifestação do poder, a da fantasia e/ou mentira. Essa forma de exercer o poder é real, porém imaginária, pois não existe no mundo objetivo. É real do ponto de vista da mente, pois ela existe, mas existe apenas naqueles que nela querem crer. É uma manifestação do poder que acredita, por exemplo, no uso da força e da truculência quando ela é apenas uma ameaça ou desejo de quem a formula, como nas tentativas de emparedar o TCU. Acredita, também, no convencimento de uma base aliada por ideologias ou hierarquias, quando o que importa são outros interesses.

Isso pode ser sintetizado numa conversa entre dois humildes trabalhadores, que às 19h lanchavam uma média com pão, no balcão de uma padaria. Dizia um, para o dono da padaria: “Desligou o programa do governo, é?”, ao que o outro aduziu: “É, se o país que eles contam fosse esse, que beleza seria”. Esse diálogo demonstra como a mentira se torna evidente para a sociedade.



DOIS MOMENTOS, ALGUMAS IDEIAS

Sylvain Levy

Dois episódios ocorridos comigo, no consultório, me levam a elaborar pensamentos ao léu.

O primeiro deles aconteceu numa noite de terça-feira (o dia é importante, como verão a seguir). Eram 19h e eu estava sentado na cadeira que usualmente é ocupada por pacientes numa primeira conversa, ou por aqueles que preferem não usar o divã. Essa cadeira fica em linha direta com as portas do consultório. Sentei-me ali para ler alguma coisa enquanto aguardava a paciente seguinte, pois a luz que ilumina minha poltrona estava queimada. Olhei para o relógio e me surpreendi com o atraso da paciente, que deveria ter chegado às 18h50 e nunca chegava depois de seu horário. Eram 19h05 e ouvi a porta se fechar. Levantei os olhos e novo susto. Ao invés de um vulto feminino aparece a figura maciça de um senhor. Como ele estava de costas, não

pode ver minha cara de surpresa ao me levantar da cadeira e me dirigir para a “poltrona do analista”, já entendendo o que se passava: eu me enganara de dia e hora, aguardava a paciente das 18h50 das quartas-feiras, entretanto, era terça-feira, e a pessoa que chegava era o “dono” do horário das 19h das terças, apenas com incomuns 5 minutos de atraso.

Ao deitar no divã, ele se justifica: “Me desculpe o atraso, é que eu me enganei de dia e desci do carro com o avental da maçonaria, e só quando estava entrando no prédio me dei conta do equívoco e voltei para deixar o avental no carro. Por isso me atrasei, mas isso com certeza não acontece com o senhor, porque tem agenda”.

O segundo fato ocorreu algum tempo depois, quando fui acometido por um problema nos rins – um cálculo no rim direito, e precisei suspender minhas atividades clínicas

por três dias, circunstância que para alguns pacientes era novidade. Isso motivou um comunicado telefônico a cada um deles informando sobre a interrupção. Ao retornar à lida, uma paciente, que fazia análise comigo há quatro anos, começou a sessão dizendo: “Eu pensei que o senhor precisou parar por causa de um problema de saúde, pensei que fosse uma pedra nos rins”.

São conhecidos os movimentos e processos transferenciais e contratransferenciais. Nesses dois casos, prefiro classificá-los como momentos, cujo conceito é o de um acontecimento fortuito ou não, que ocorre uma única vez e não pode ser classificado como algo que se repete (movimento) ou está estruturado (processo).

Mas momento de que?

Na sua autobiografia, Norberto Bobbio solta mais uma de suas frases lapidares: “Não sou político, não faço propostas. Sou analista, interpreto os fatos”. Como interpretar esses dois momentos?

Podemos considerá-los como simples coincidência e encerrar os questionamentos. Mas o que nos impede de pensar sobre as coincidências? Além do que, sempre podemos recorrer a Einstein, que dizia que, ao menos na física, coincidências não existem, e se deveria falar, mais apropriadamente, em eventos simultâneos, posto que dois fatos que acontecem ao mesmo tempo não são governados pelo mesmo mecanismo. Ele até exemplificava com a entrada de um trem em uma estação às 12h e afirmava não haver nenhuma coincidência nisso, pois o mecanismo que governa o relógio não tem nada a ver com a locomotiva. *Mutatis mutandis*, duas mentes guardam menos um conjunto de relações que aquela existente entre um relógio e um trem.

Pela filosofia a intuição seria a escolha de estudo e, na filosofia clínica, a linha investigatória seria direcionada às determinantes de tópicos e submodos dessa intuição.

Outra ideia é considerar uma sintonia psíquica, onde uma mente transmite e outra

capta as informações. Creio que essa possibilidade escapa do domínio da psicanálise e adentra o da parapsicologia.

E pensando em psicanalistas, aonde vamos?

O que ocorreu não pode ser classificado como transferência e menos ainda como contratransferência.

É possível pensar que ambos os pacientes sonharam uma ideia e, como estavam ambos acordados, é usual dizer que foram acometidos (cada um per si) por uma alucinação. Imaginaram uma ideia, conseguiram torná-la consciente e a transformaram em palavras. Caso o analista (o escritor que os escreve) tivesse se sentido incomodado, poderíamos pensar em algo como uma introjeção invasiva ou invasão introjetiva.

Porém o analista não se sentiu incomodado e sim curioso. Como os dois fatos aconteceram há alguns anos e antes de a sessão começar (olha aí um pré-juízo), pois o paciente ainda não havia se deitado no divã (conforme haviam me ensinado e candidamente apreendi), eu não me senti à vontade para perguntar nada. E assim fiquei só com os meus pensamentos, sonhos e alucinações.

Hoje, pensando e repensando sobre o que aconteceu, elaboro uma dinâmica simples: os pacientes fizeram uma alucinação projetiva que se transformou em introjetiva pelas associações do analista. Como eles chegaram a elas é que eu não fiquei sabendo.



Sylvain Levy é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

MORRER EM CASA É POSSÍVEL

Cíntia Xavier de Albuquerque

A morte tem sido adiada. Até o final do século XVIII o nascer e o morrer foram deixando de ser fatos biológicos regidos pela natureza. Passaram a ser processos comandados pelos médicos e por procedimentos e equipamentos cada vez mais especializados. É claro que ninguém vai ser contra o avanço da medicina. Ocorre que ele tem levado, a partir do século XX, ao fenômeno da medicalização da vida. E hoje, na maioria das vezes a quantidade de vida tem se imposto à qualidade. Aspectos religiosos, filosóficos, éticos etc. se juntam ao que chamo simplesmente de medo da morte e há lugar para todo tipo de dúvida em diversos campos.

Além da medicalização, outro processo tem sido reconhecido e nomeado: a judicialização da vida. Estes dois processos juntos têm promovido questionamentos inéditos e nossa legislação não tem respostas para muitos deles, nem cuida especificamente das possibilidades de intervenção na morte. É o Conselho Federal de Medicina que tem se posicionado, especialmente por meio da Resolução 1805 de 2006, que diz: “Na fase terminal de enfermidades graves e incuráveis é permitido ao médico limitar ou suspender procedimentos ou tratamentos que prolonguem a vida do doente, garantindo, no entanto, cuidados necessários para aliviar os sintomas que levem ao sofrimento, na perspectiva de uma assistência integral, respeitada a vontade do paciente ou de seu representante legal”. Mesmo essa resolução foi suspensa por vários anos, em nome do direito à vida.

Nós, psicanalistas, entramos em contato com a morte com uma frequência espantosa. Pode parecer improvável essa afirmação.

Não é. Presenciar, cuidar, socorrer, resgatar, tudo isso traz a morte para perto. Não necessariamente para dentro de si. O psicanalista vive a peculiar situação de captar, sentir e dizer aquilo que não costuma ser percebido, sentido ou dito. Tudo o que tem a ver com vida e morte. Impulsos de vida e de morte. Ambivalência afetiva. A ideia de que a morte traria alívio do sofrimento, praticamente uma vida nova! Nomeamos os diversos tons do amor e do ódio. Reconhecemos que, em nível imaginário, se entra em contato com as mais primitivas emoções desde os tempos de bebês. Talvez até antes, e por toda a vida.

Tive a rica oportunidade de trabalhar como psicanalista numa UTI neonatal e pediátrica, fazendo parte de uma equipe multidisciplinar. Vivi com eles as mais dramáticas situações, tanto de salvação quanto de perda. E faço uma diferenciação entre viver a morte perto e dentro de si. Certa vez perdemos um bebê, prematuro extremo, com 9 dias de vida. Gêmeo. Tive a experiência de comunicar e de trazer os pais para o encontro com o filho morto. E de ficar por mais de uma hora com o bebê no colo enquanto eles davam atenção ao filho vivo. Ele foi ficando cinza e frio. Essa vivência gerou uma publicação na qual eu disse: “Ninguém se aproximava de mim. Foi colocado um biombo branco na entrada do box em que N e eu estávamos. Ficavam me olhando de longe, pelos cantos do biombo, e parecia que jamais as pessoas haviam visto tal cena”.

Há sete meses meu pai morreu em casa, de câncer, aos 89 anos, frágil em todos os aspectos. Nossa família queria que ele morresse assim e que fosse velado em casa, o que a lei permite. Nos últimos meses – que não se sabe

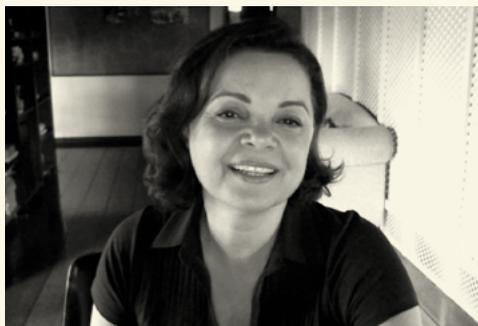
nunca quantos serão – sofreremos. A morte se anuncia muito antes de chegar. A cada perda de capacidade, a cada quilo a menos, a cada nova dificuldade, a cada mudança no funcionamento da casa, a cada nova presença no grupo. Vive-se seguidas situações inéditas e são incontáveis as dúvidas. A morte é absolutamente intensa. Para vivê-la como conseguimos fazer contamos com uma dose extraordinária de maturidade familiar. Vivemos durante meses sob alto impacto emocional, transitando entre sentimentos de impotência e reconhecimento de limites. Na última semana, com nosso amado só na cama. Costumo dizer que até o fim o quarto do meu pai foi aberto, inclusive a crianças e cachorro.

Só é possível proporcionar a morte em casa se a família contar com a parceria de um médico. Tivemos o privilégio de conhecer um que topou nos acompanhar nos últimos dias, visitando-nos diariamente. Houve um momento em que ele convocou uma conversa com a família. A conversa organizadora, onde o que estávamos vivendo e o que provavelmente viria a ocorrer foi esclarecido. Juntos fomos nos preparando. Eu não sabia, mas é um desafio sustentar essa decisão até a morte. Cuidadores e funcionários antigos sentem medo e angústia, mas não tem o mesmo poder de decisão nem foram consultados sobre a morte em casa. Assustam-se com a piora e questionam o porquê de não se levar o doente para o hospital.

A morte faz barulhos, provoca odores. Procedimentos finais incomodam muito. O ser amado sofre mais, cada um de nós sofre mais. Alimentação por sonda? Mas a sonda não passa, provoca tosse, engasgos, é perigoso...

Quantas tentativas serão feitas? A morfina está suficiente? É assim mesmo? Como é isso? Será amanhã? Depois de amanhã? Será hoje? O incrível foi sentir surpresa nas duas horas em que ele de fato começou a morrer, cercado de amor. Éramos uns dez ao lado dele. Descubri que a última expiração não é a última. Passam-se alguns segundos de puro silêncio e então sai de fato o último ar.

Pela segunda vez me mantive abraçada ao corpo morto, que foi ficando cinza e frio. Primeiro o de um bebê, depois o do meu pai. Lamento profundamente que a funerária não tenha preparado o corpo em casa. Foram sensações de perda e desamparo que deveriam ter sido evitadas. Ajudei a colocá-lo numa maca e no carro funerário, e isso é demais para uma filha. O corpo foi embora, para voltar horas depois. Viver a morte é difícil em toda circunstância. Mais ainda quando a gente se permite ser inundado por ela. Morrer em casa é possível, mas é para os fortes. Felizmente nós somos.



Cíntia Xavier de Albuquerque é membro titular da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

PENSADORES INDISCRETOS

ENTREVISTA COM IGNÁCIO ALVES PAIM FILHO

Por Carlos César Marques Frausino e Cláudia Carneiro



"MEU ESTUDO TEM A VER COM A INDISCRICÃO, UMA ESPÉCIE DE PULSÃO EPISTEMOFÍLICA, QUE TEM PRAZER EM PROVAR DA ÁRVORE DO CONHECIMENTO, ADENTRAR O UNIVERSO FREUDIANO, FAZER ESPECULAÇÕES QUE TRANSITEM ENTRE O SUJEITO SIGMUND E O PENSADOR FREUD."

O Associação Livre conversou com o psicanalista Ignácio Alves Paim Filho (SBPdePA) acerca de vários temas do universo psicanalítico. Autor profícuo e original, que tem se dedicado há anos à obra freudiana. Para ele, esses escritos não são apenas o objeto de estudo e o referencial teórico para se refletir os temas contemporâneos da vida psíquica; ao longo de suas obras é possível destacar traços do "espírito" da obra de Freud, como a inquietação e a criatividade, na abordagem do exercício da psicanálise.

Ignácio, na sua produção clínica e teórica, não têm como meta, apenas, sistematizar ou historiar as ideias e conceitos de Freud, mas realizar um intenso diálogo interrogativo e investigativo com o legado freudiano, de forma a permitir, inclusive, a criação de novas postulações, teóricas e clínicas. Para ele, a psicanálise e o legado freudiano continuam sendo um método contemporâneo e adequado para abordar as novas formas de funcionamento da *psique* diante das mutações da sociedade. Boa leitura!

AL • Por que você se interessou pela psicanálise? Conte-nos um pouco da sua trajetória psicanalítica.

IGNÁCIO • Partindo do pressuposto que nosso saber é sempre parcial, proponho a seguinte narrativa: tudo começou com as inquietudes de um jovem adolescente. Que em meio às suas angústias resolve trabalhar como atendente em uma clínica psiquiátrica, numa época em que os recursos farmacológicos eram escassos e a proposta era trabalhar via a palavra. Decorrente desses estímulos veio a faculdade de medicina e, depois, a residência em psiquiatria. Trabalhar com a psicose, escutar os delírios e alucinações aguçou minha curiosidade. Diante das limitações, imposta por tal escuta, fui à busca de construir algum sentido para essas narrativas aparentemente sem sentido. Nessa procura encontrei-me com a psicanálise, como analisando e como um sujeito intrigado com as dores da alma – encantando-se com a “magia das palavras”, como disse Freud em 1905. Isso me possibilitou dar vida à obra freudiana que fazia parte, até então, da decoração da nossa sala de estar. Esse encontro, carregado de uma vivência sinistra, me levou a procurar minha primeira formação em psicanálise, no Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA). Nessa instituição descobri o prazer investigativo e, ao mesmo tempo, lúdico de ler e estudar o pensamento freudiano. Com esse processo e suas constantes transformações, fiz minha segunda formação analítica, na Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA). Na Brasileira aprofundei meus estudos, compreendendo com mais sustentabilidade a relevância das proposições freudianas para o exercício do trabalho clínico e com o meio cultural.

AL • Como foi seu envolvimento com a formação e a transmissão da psicanálise?

IGNÁCIO • No CEPdePA, ao terminar a formação curricular, comecei a exercer a função de auxiliar de ensino, tive a oportunidade de acompanhar o trabalho de vários colegas, com uma longa experiência na coordenação de seminários e um consistente conhecimento do pensamento freudiano. A partir desses modelos fui construindo o meu peculiar jeito de coordenar, tendo como premissa que a transmissão se dá na interação dos inconscientes, mediada pelo desejo de conhecer. Esse desejo me possibilitou, também, exercer a função de supervisor. Na SBPdePA, fiz um percurso semelhante, durante o qual fui confirmando a importância de uma sólida formação no estudo da obra freudiana, pré-requisito para estudar com profundidade os pós-freudianos.

À medida que esse cenário foi se constituindo, descobri a importância da escrita, no processo da transmissão e da solidificação do conhecimento em psicanálise, como produto de um encontro fecundo entre a análise, a supervisão e os seminários. Isto me levou a manter grupos de estudos comprometidos em estudar e investigar o pensamento freudiano, além do registro de nossas ideias via produção textual. Creio que toda a formação, que é interminável, requer um eterno revitalizar do tripé e o compromisso de compartilhar nossa reflexão pela palavra escrita.

AL • Seu interesse pela obra freudiana, sobretudo a metapsicologia e o método, no início teve razões puramente metodológicas?

IGNÁCIO • Sim e não. Sim, pois transitar por esses dois grandes segmentos é fundamental, para todo aquele que tem a preten-

são de dialogar com Freud e ocupar-se da transmissão do seu pensar. E não, porque meu estudo, antes de tudo, tem a ver com a indiscrição, uma espécie de pulsão epistemofílica, que tem prazer em provar da árvore do conhecimento, jogar com as ideias, adentrar o universo freudiano, fazer especulações que transitem entre o sujeito Sigmund e o pensador Freud – principalmente, pela intrínseca relação entre o criador e sua criação. Eis aí uma das particularidades de nossa “ciência”: para aprendê-la, em toda a sua complexidade, devemos manter nosso olhar direcionado para as vicissitudes dessa dupla originária.

AL • Qual a validade de se fazer, hoje, psicanálise, tendo como parâmetro norteador as proposições freudianas? O edifício teórico e clínico freudiano continua atual e compatível com a clínica contemporânea e com as chamadas “novas patologias”?

IGNÁCIO • Pergunta instigante. Freud e nossa contemporaneidade, “novas patologias”. Proponho levantarmos mais algumas indagações. Sim, devemos avançar, dar novos aportes para o fazer clínico desses novos tempos. Entretanto, penso na validade de resgatar as velhas recomendações. Por exemplo, a abstinência segue válida? Não seria justamente uma das questões basais, para o analista, no exercício do seu ofício em tempo de proliferação de demandas narcísicas? Outros interrogantes, nossa centenária transferência segue exercendo seu papel de ser, ao mesmo tempo, motor da cura e exteriorização vívida do sofrimento psíquico? O inconsciente do analista segue sendo o seu instrumento de trabalho fundamental? O que diríamos da regra fundamental, a associação livre? Quando a palavra do analisando está impedida desse processo, como, por exemplo, nas patologias que predominam o

irrepresentável, acredito no trabalho do vir a associar do analisando, tendo como parâmetro a possibilidade associativa do seu analista. Para que essa se dê é imprescindível um analista que tenha uma boa conexão com sua atenção flutuante, com recursos de discriminar o que advém do outro e o que é produto da sua vida fantasmática. Como nos adverte Freud, em 1938: “Por mais que um analista possa ficar tentado a transformar-se num professor [...] e criar homens à sua imagem, não deve esquecer que essa não é sua tarefa [...]”.

AL • Como o analista, hoje, sustenta ou deveria sustentar sua função analítica? Necessitaríamos de “novas recomendações” para os analistas que seguem as proposições freudianas?

IGNÁCIO • A primeira recomendação é re-visitatar as recomendações freudianas. No entanto, com o espírito investigativo que Freud nos transmitiu. Nesse sentido, o texto *Construções em Análise* (1937) é uma referência fundamental, que segue nos convocando a pensá-lo em nossa contemporaneidade. É a partir dele que podemos trabalhar as reconstruções e as construções em análise. Por outro lado, como desenvolver um pensar teórico/técnico sobre essas novas patologias sem os postulados da pulsão de morte, em especial a temática do masoquismo? Penso que as “novas recomendações” estão associadas à possibilidade de recontextualizarmos as velhas recomendações. Por exemplo, ser um analista mais ativo, possível necessidade desses novos tempos, implica uma maior responsabilidade ética, de nos haver-mos com o poder da sugestão, que sempre está presente nas relações assimétricas – a interação do *per via di levare* com o *per via di porre* (Freud, 1904). Recordemos a recomendação feita por Freud em 1937: “[...] deve-se levar em conta não apenas a natureza do eu

do paciente, mas também, a individualidade do analista”.

AL • Do ponto de vista da cultura, com todas as mudanças que vivemos na atualidade, Freud ainda é um autor para se pensar o século XXI ou precisamos da ajuda de outros?

IGNÁCIO • Seguramente sim. Todavia, a psicanálise avançou e temos pensadores de alta relevância. Esses desenvolveram várias ideias que ampliaram o leque para um alargamento da compreensão do sofrimento humano. Porém, qual a fonte que nos abastece? Temos outra metapsicologia, que não a freudiana? Se lançarmos um rápido olhar para a tragédia do terrorismo, vivida na França: o que os vários pensadores podem nos dizer, que não transite por temas como o narcisismo, pulsão de destruição, destrutividade não erótica, masoquismo/sadismo, castração, enfim, o mal radical no e do homem? Nosso mal-estar, em sua essência, é muito diferente do mal-estar do homem da era moderna? *O Futuro de uma Ilusão* perdeu sua validade? O pensamento religioso não está em franca ascensão? A proliferação desmedida de psicofármacos e o seu uso abusivo não denunciam uma possível falência do atual modelo de pensamento científico vigente? Qual o lugar do desamparo em nossa vida cotidiana? Essa conjuntura, a meu ver, nos solicita rever o quarto destino da pulsão, a sublimação: criação – estética – ética. Esses interrogantes podem e devem ser pensados de vários vértices. Quanto a nós psicanalistas, proponho fazermos trabalhar nossa herança, de apropriação, transformação e desassimilação.

AL • Em seu livro *Novos tempos, velhas recomendações*, você afirma que os textos “Análise terminável e interminável” (1937), “Construções em análise” (1937), “Cisão do Eu e o processo de defesa” (1938) e “Moisés

e o monoteísmo” (1934-1938) constituem uma tetralogia e uma reedição dos ensinamentos freudianos técnicos. Como essas obras se completam e constituem uma atualização das “recomendações freudianas” aos psicanalistas?

IGNÁCIO • Bem, algumas pinceladas sobre essa audaciosa tetralogia. Observo nesses artigos o trabalho de Freud em ressaltar pontos fundamentais da psicanálise e um convite para que sigamos fazendo novas especulações. Nesse sentido, de cada um destes textos, assinalo respectivamente as seguintes expressões: subjetividade – construções – cisões mais aquém do recalque – a complexidade do complexo de Édipo. Subjetividade/Construções estão implicadas de forma decisiva no exercício da função analítica, de maneira mais contundente, quando pensamos nas chamadas patologias atuais. Pensando nessas, as cisões além do recalque nos fornecem subsídios para refletirmos sobre as outras formas de negativar a força da pulsão. Formas que implicam a necessidade de um analista que tenha intimidade com as nuances do seu inconsciente recalcado como do não recalcado – seu compromisso em criar condições de representabilidade e figurabilidade para seu analisando, com o menor índice possível de intrusão. Quanto à complexidade do Complexo de Édipo, em seu segmento narcísico e edípico propriamente dito, temos ratificado o seu lugar de um dos *Shibboleth* proposto por Freud (1920): seus destinos determinando a constituição do sujeito psíquico e da ordem social. Esses quatro textos em sua tessitura se propõem a trabalhar a metapsicologia e a clínica, em seu vínculo indissociável do contexto cultural vigente. Resumidamente, percebo nessa tetralogia a relevância de mantermos Édipo – a inscrição da transitoriedade – inserido na vida cotidiana da psicanálise e dos psicanalistas.



AL • Sustenta-se ainda hoje que toda a obra freudiana está fundamentada no modelo paterno. Diante da proposição de uma disposição feminina originária, e das postulações de Freud sobre a sexualidade feminina, como você entende a recusa de Freud a propor uma definição de feminilidade?



IGNÁCIO • Começemos pelo final, não vejo que Freud tenha se recusado a propor uma definição para a feminilidade. Entendo que a concebia com um grande enigma, o qual se viu impossibilitado de responder com maior profundidade. Lembremos que em 1925 explicitou essa dificuldade, ao evocar o célebre interrogante: o que quer uma mulher? Contudo, não se furtou de fazer determinadas especulações sobre o tornar-se mulher. Temos uma amostra nos trabalhos "Sexualidade Feminina" (1931) e "Feminilidade" (1932). Destaco a expressão "mãe fálica", como uma amostra da pretensão de Freud de desvincular pênis e falo. Nesse temos o germe da ideia de falo como representante da completude, mais além da questão anatômica. Quanto a hegemonia do modelo paterno, seguramente está presente de maneira fundante na concepção freudiana, porém não devemos esquecer a importância do conceito de bissexualidade. Este conceito está implicado na dualidade passividade x atividade. Essa dualidade constitutiva associa o feminino à passividade e o masculino à atividade, inerentes à constituição do vir a ser homem e do vir a ser mulher. Nesse sentido, a ideia de uma disposição feminina originária, com seu trabalho do feminino, pode ser um bom indicativo para refletirmos o lugar do feminino em sua vinculação com uma adequada função paterna.



AL • Ao reconhecer, em 1937, que sem a "feiticeira Metapsicologia" – sem especulação e teorização metapsicológica– não seria fácil uma

resposta sobre o trabalho analítico de "amansar a pulsão", Freud ressaltou que "as informações da feiticeira não são nem muito claras nem muito explícitas". Este é um problema epistemológico que enfrentamos no seio da metapsicologia?

IGNÁCIO • Penso que é um problema e um desafio. Problema pela parcialidade de suas respostas, o caldeirão pulsional traz consigo a força de um eterno desconhecido. Como nos diz Freud, só sabemos da pulsão pela sua representância, que tem uma conexão estrutural com o "objeto absoluto da falta". Desafio que está posto desde os trabalhos originários da "meta-psicologia", a psicologia das profundezas. Sendo esse o responsável por uma das características essenciais do pensar metapsicológico: um não saber em busca de um possível saber, que exige do investigador transitar pelo universo do não tangível, que requer a intrepidez de fantasiar – deixar-se levar pela memória do inconsciente. Contexto permeado pelas incongruências da não existência de um observador neutro.

AL • Em seu livro *Metapsicologia – um olhar à luz da pulsão de morte*, você propõe pensar a pulsão de morte em seus enlaces e desenlaces com a pulsão sexual. O que há de novo no trabalho do analista?

IGNÁCIO • A possibilidade do novo está no fato de seu trabalho ser a resultante do interjogo da força que liga a pulsão sexual e a força disruptiva da pulsão de morte. Uma das configurações que me ocorre são as intervenções via interpretação, reconstrução e construção. Na primeira, a necessidade de rupturas (pulsão de morte), que facilitem o emergir do recalçado; na segunda, ligações (pulsão sexual) que permitam resignificar o recalçado originariamente; e, na terceira, significar as marcas constitutivas do não recalçado, os traumas precoces. Portanto, a fala do analista, em

termos pulsionais, de acordo com as diferentes estruturas clínicas, deve contemplar mais investimento libidinal, quando confrontado com o universo do não representável, movido pela força do não desejo; quando do encontro com os derivativos do desejo recalçado, mais a necessidade da instrumentalização da força destrutiva da pulsão de morte, enquanto agente de desconexão.

AL • Em sua opinião, a comunidade psicanalítica brasileira negligencia um estudo com afinco da metapsicologia freudiana e da teoria da técnica?

IGNÁCIO • Parece-me que sim. O estudo da metapsicologia freudiana – a psicologia primeira – exige de todos nós uma disposição de dialogar com os enigmas das origens e destinos da constituição da psique. Tarefa árdua e muitas vezes árida, na medida em que se faz necessário tecermos enlaces entre os diferentes períodos de criação de sua obra. Entendo que a teoria pulsional, como conceito limite, em seu eterno pulsar, segue acomodando e desacomodando o nosso pensar, em especial a pulsão de morte: fonte de um processo interminável de inquietantes estranhezas. Investir no estudo de um corpo pulsional – que vai se desdobrando em um aparelho de captura e transformação das intensidades – requer, com disse Freud em 1900, o arrojo de um conquistador. Para seguir dando fundamentação e ampliando esse legado freudiano, que por sua natureza nos interroga e se interroga, é necessária a audácia de (re) visitá-lo, como aquele que suporta um não saber: tendo por norte que se trata de enigmas, não de esfinges. Freud e a metapsicologia, permanentes estrangeiros em busca de uma cidadania. Por conseguinte, nós analistas suportamos nos confrontarmos com os nossos limites – diante do conhecido e/ou desconhecido – que o estudo da centenária metapsicologia nos evoca?

WOMEN AND PSYCHOANALYSIS COMMITTEE – COWAP-IPA

Almira Correia de Caldas Rodrigues

O Comitê de Mulheres e Psicanálise da IPA foi criado em 1998 na gestão de Otto Kernberg. Assim, a IPA vincula-se à tendência mundial de analisar a condição das mulheres e considerar a dimensão de gênero, a partir de sua contribuição específica, o saber psicanalítico. Quando de sua criação, o Comitê assumiu o objetivo de enfocar estudos relativos a mulheres. No entanto, logo em 2001, mudou sua perspectiva passando a considerar a questão de gênero – relações entre mulheres e homens, feminilidade/masculinidade –, em sintonia com a maioria dos grupos, conservando, entretanto, sua nomenclatura inicial.

Aqui podemos destacar o desenvolvimento referente à delimitação dos estudos e perspectivas de análise: os estudos de mulheres foram amplamente realizados nos anos 1960 a 80, enquanto os estudos de gênero foram desenvolvidos a partir dos anos 1980. Esta revisão/expansão tem a ver com a compreensão de que mulheres/homens e feminino/masculino são construções socioculturais e relacionais e, portanto, demandam uma categoria comum para investigação, no caso, a dimensão de gênero, enquanto representação social, estrutura de poder e questão de identidade dos sujeitos.

Os estudos de gênero buscam uma interseccionalidade com outras categorias analíticas, como etário/geracional, raça/etnia, sexualidade/orientação sexual, classe social. Paralelamente, outra discussão se afirma e se expande a partir dos anos 1980 e 90 com os estudos *queers*; estes apontam uma transitividade de gênero e sexual, questionando os binarismos e a ideia de identidades fixas que tenderiam a excluir determinados corpos, desejos e práticas.

IPA E COWAP-IPA

Pela primeira vez na história da IPA foi eleita uma psicanalista, em 2015, para presidir a instituição na próxima gestão – Virginia Ungar, da Associação Psicanalítica de Buenos Aires. A IPA tem dezenas de comitês e o COWAP é considerado um dos comitês

mais ativos. Coloca-se como um espaço de reflexão teórica e clínica e de intercâmbio com disciplinas e organizações; visa produzir pesquisa psicanalítica sobre as relações entre as categorias de sexualidade e de gênero e suas implicações para a psicanálise, reconhecendo as influências culturais e históricas na construção das teorias psicanalíticas relativas a mulheres e homens e a necessidade de suas revisões e expansões na contemporaneidade.

O COWAP-IPA tem como estrutura básica uma coordenação geral e coordenações regionais. A atual gestão conta com a seguinte composição: *Overall Chair*: Gertraud Schlesinger-Kipp; *Co-Chair* para Europa: Ingrid Moeslein-Teising; *Co-Chair* para América Latina: Cândida Sé Holovko; *Co-Chair* para América do Norte: Cecile Bassen. Cada Sociedade de Psicanálise indica sua representação no Comitê (*liaisons*). No site da IPA podem ser encontradas informações sobre o COWAP (Committees) e suas Newsletters (IPA/Newsletter/COWAP Newsletter).

Outra frente de trabalho foi a criação da *Psychoanalysis & Women Series (IPA)*, que já conta com a publicação de diversos livros e coletâneas. Paralelamente, o COWAP aproveita os encontros congressuais para promover discussões e fortalecer os vínculos entre psicanalistas. No 49º Congresso Internacional de Psicanálise, ocorrido em Boston, USA, em julho de 2015, o COWAP realizou dois painéis e foram lançados três novos livros da Série (pela Karnac Books e Editorial Lumen): *Homosexualities: Psychogenesis, Polymorphism and Countertransference*, por Elda Abrevaya e Frances Thomson-Salo (orgs.); *Myths of Mighty Women: Their Application in Psychoanalytic Psychotherapy*, por Arlene Kramer Richards e Lucille Spira (orgs.); e *Medea: Myth and Unconscious Fantasy*, por Esa Roos (org.).

COWAP – AMÉRICA LATINA E BRASIL

O COWAP na América Latina tem demonstrado grande vitalidade. A partir de 1999 ini-

ciou suas conferências, nomeadas de *Diálogos Latinoamericanos Intergeneracionales entre Hombres y Mujeres*, os quais ganham temáticas específicas, como: fases na vida, masculino-feminino, relações de gênero, violência sexual, corpo, conjugalidades, parentalidades. Entre as publicações do grupo, destacamos *Psicoanálisis y relaciones de género*, de Teresa Lartigue e Mariam Alizade (orgs.), como resultado do 4º Diálogo, realizado no México em 2002; e, também, *Género y Psicoanálisis – Contribuciones Contemporáneas*, de Teresa Lartigue e Olga Varela (orgs.), editado pela Asociación Psicoanalítica de Guadalajara, em 2009.

O XXXI Congresso Latino-Americano de Psicanálise, a ser realizado em setembro de 2016 em Cartagena das Índias, Colômbia, tem como tema “Corpo” (na teoria, na clínica, na cultura) e, com certeza, discutirá gênero e sexualidade, a exemplo do Congresso anterior, ocorrido em Buenos Aires em 2014, que teve como um de seus eixos temáticos “psicosexualidades/gênero/neosexualidades”. Durante este Congresso realizou-se o 11º *Diálogo Latinoamericano Intergeneracional*.

Quanto ao XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise, realizado em outubro passado, em São Paulo, o COWAP-Brasil participou com a mesa redonda “Comunidade COWAP” e Teresa Rocha Leite Haudenschild, representante do Comitê no Brasil, integrou a mesa redonda sobre “Identidade de Gênero”.

Destacam-se as publicações da Revista Brasileira de Psicanálise, da Febrapsi, com as temáticas “Sexualidade e Gênero” (2014, v. 48, n. 4) e “Feminino” (2008, v. 42, n. 4).

PERSPECTIVAS E DESAFIOS

A contemporaneidade nos desafia a uma reflexão sobre gênero e sexualidade em termos da antiga discussão sobre natureza x cultura. O desenvolvimento da ciência e da tecnologia, bem como o fortalecimento da *autodeterminação relativa* dos sujeitos (pois condicionados social e psiquicamente), coloca-nos frente à intervenção e reconstrução

de corpos, à possibilidade de uma transitividade de gênero e de sexualidade, bem como de maiores rompimentos com as tradições. A discussão sobre a orientação sexual dos sujeitos (homo/hetero/bi/pan/assexual) conjuga-se com a discussão sobre gênero (feminino, masculino, transexual, travesti, intersexo, cisgênero, transgênero, genderqueer, bigênero, gênero fluido) produzindo conflitos e politizações, a exemplo das reivindicações de: nome social; realização de tratamentos hormonais e/ou cirurgias de redesignação sexual; reconhecimento da diversidade de conjugalidades e de famílias (bi/mono/hetero/homoparentalidade). Estas situações são cada vez mais referidas a si próprio e, portanto, desnaturalizadas. Ambas as dimensões, gênero e sexualidade, para além de espaços de exercício de subjetividade, podem ser transformadas em espaços de desigualdade social e de comprometimento da integridade física e mental dos sujeitos.

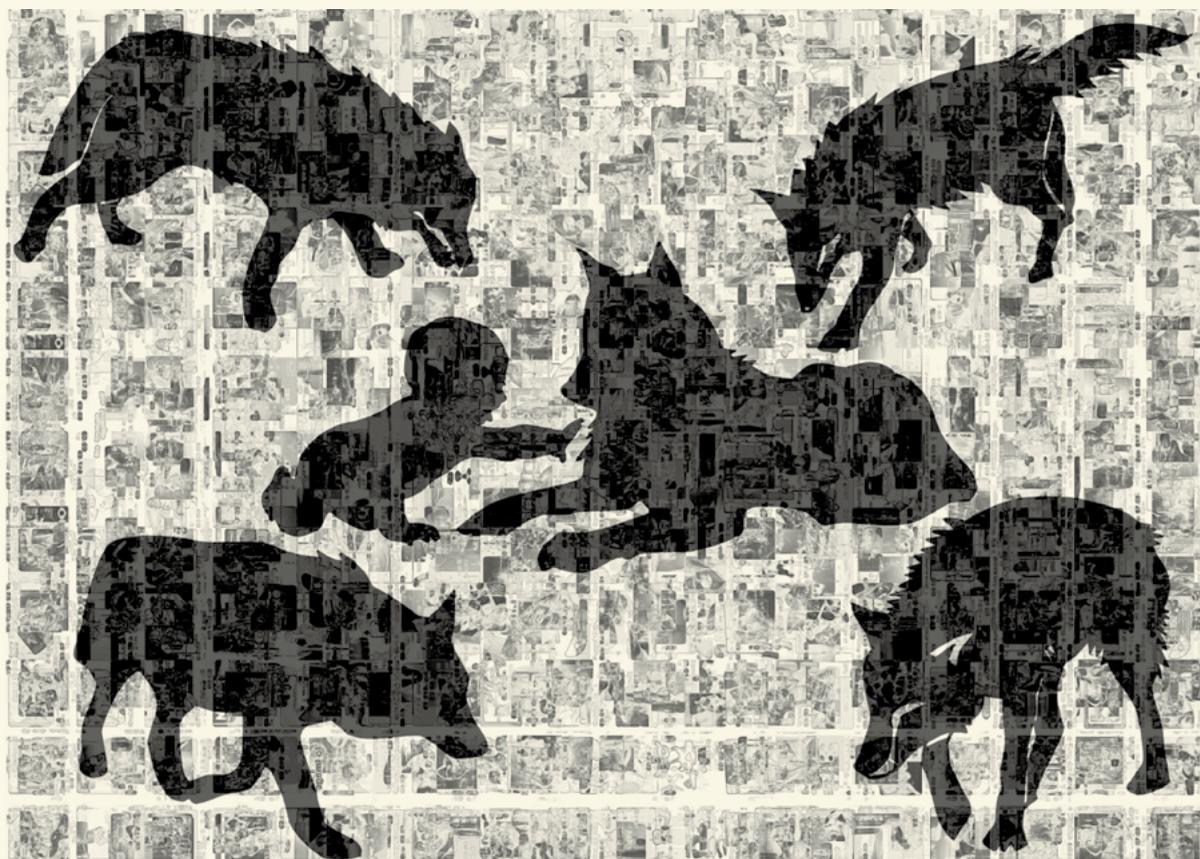
Nessa medida, as/os psicanalistas têm o importante papel de aprofundar este debate a partir de suas investigações teóricas e experiências clínicas, levando em conta as contribuições de outras disciplinas. Espero que possamos realizar férteis discussões sobre psicanálise, gênero e sexualidade na Sociedade de Psicanálise de Brasília.



Almira Correia de Caldas Rodrigues é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília. Atualmente representa a SPBs na COWAP-IPA. É socióloga e doutora em sociologia pela UnB.

SOBRE O SEXUAL INFANTIL

Silvia Helena Heimburger



O tema do 75º Congresso de Psicanalistas de Língua Francesa (CPLF), realizado em Lyon, em maio de 2015, foi “O sexual infantil e seus destinos” e as discussões giraram em torno dos relatórios: “Emergência e transformações da sexualidade infantil no tratamento analítico”, de Christian Seulin (SPP), e “Um começo sexual”, de Dominique Suchet (APF), textos que foram estudados no grupo de estudos preparatórios para o CPLF que coordenamos aqui na SPBsb.

Estamos mais acostumados com a noção de sexualidade infantil desde os “Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade”, publicados

por Freud em 1905, onde ela é diferenciada da sexualidade genital ou de um *adultomorfismo*, por se tratar de uma sucessão de estágios precursores de uma sexualidade do adulto.

O que seria, então, o sexual infantil, tão importante e distinto da sexualidade infantil, a ponto de ser tema de um congresso?

Começamos pela distinção entre sexualidade e sexual feita por René Roussillon, também participante do CPLF: a sexualidade é um comportamento particular, um comportamento observável; já o sexual concerne à dimensão intrapsíquica, ele é a sexualidade interna, interiorizada. Mesmo no interior da

sexualidade infantil começa a se impor o reconhecimento de uma complexidade, as pulsões e suas manifestações têm uma história, carregam a marca desta e de seus sucessivos tempos e momentos. Isto é a história pré-genital das manifestações da genitalidade, mas também história, no interior da pré-genitalidade das diferentes moções pulsionais.

Para Christian Seulin, a pulsão e o id são o sexual infantil e dele nasce a sexualidade infantil. Ele aparece na ficção, nos contos de fadas, e Seulin dá como exemplo do sexual infantil o conto *Chapeuzinho Vermelho* na versão de Charles Perrault, onde não aparece a figura do lenhador, mediando a relação de Chapeuzinho e o lobo. Acho que esse sexual infantil também se insinua no texto *Percatempos* de Gregório Duvivier, publicado na Folha de São Paulo, sessão *Ilustríssima*, de 1/11/2015: “Quando Pequeno, sofria de lobofofia. / Pedia para Minha Mãe/ contar a história da/ chapeuzinho vermelho/ SEM LOBO/ era um saco.

O objeto só existe quando apropriado subjetivamente e, em seu relatório, Seulin propõe a hipótese de um gradiente de objetualização nas atividades autoeróticas, pois o estado do autoerotismo não pode prescindir do lugar do objeto em sua economia; entre o sexual infantil e a sexualidade infantil existiria a descoberta do objeto.

Para Dominique Suchet, o sexual prevalece sobre uma sexualidade, ele escapa de uma localização ou de uma designação temporal. Dissimula-se num movimento cujos efeitos somente uma ficção, um sonho interpretado ou a transferência construída podem deixar transparecer, oferecendo-lhes uma cena em que imagens portadas por uma linguagem acolhem as repercussões do desejo. Ela pergunta em seu relatório – como nomear o sexual infantil? Como nomear o que rege a vida da alma e constitui o seu fundamento, que é força e sentido ao mesmo tempo, que

é o campo do encontro e as modalidades de transformação da pulsão em representação ao mesmo tempo, por ser um processo e que, por fim, se mantém insubordinado e do qual só temos conhecimento de seus derivados no momento de sua atualização?

Tentando responder à pergunta, Suchet lembra que para descrever o sexual infantil (*sexuel infantil* em francês), Jean Laplanche escolhe “sexual” (neologismo em francês), mantendo a palavra alemã, transmitindo com essa palavra áspera em francês, o desconforto escandaloso do sexual. Ela recorre também a trabalhos de outros psicanalistas, tentando responder sua indagação. Conclui que, quando se trata de encontrar uma designação teórica para o sexual infantil, para apreendê-lo por um conceito, parece faltar a palavra, os conceitos tornam-se redutores, predadores, aves de rapina, como diz Pontalis. A autora sugere que a indigência das palavras da teoria pode perfeitamente repetir a indigência da psique, tributária, para a consciência, da ligação com as representações de palavras.

Se não é possível dizer em uma palavra um movimento de amor e ódio e suas valências de ligação e disjunção, resta então o recurso às sublimações e às expressões dos pintores e dos poetas.



Silvia Helena Heimbürger é membro titular da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

O QUE FOR

...QUANDO FOR, É QUE SERÁ O QUE É – FERNANDO PESSOA

Keyla Carolina Perim Vale

Entro e saio. Quais são os ventos? E que ventos batem? Serve um sopro, sopro de vida? Porque vida morta não tem sangue que circula, tem só vermelho parado, coagulado. Meu vento começa assim...

Chumaço de pelo em pele branca:

Guardo um papel assinado: recibo, letra tremida e escrita de gente que já foi professora e hoje tem oitenta e três anos.... Toco a campainha e já sabia: entro, saio e não volto nunca mais. Foi uma sensação, um vento forte no ouvido, sobre o cabelo, que depois desceu na nuca e me fez, de supetão, arregalar os olhos e olhar para a vida. Entrei e, na ponta dos pés, já queria sair, sabe? Entregar o que tinha na mão, deixar lá e sair, só sair. Da porta para fora já seria suficiente. Dona Maria insistiu. Queria pegar na minha mão: aperto forte, mão magra, que treme e que morre.... Isso é a morte? Morrer é assim? Traz esse arrepio de querer segurar e não preencher, de não encaixar? Ela falando, perguntando e eu, olhando para o chumaço de pelo no rosto dela: pele branca, veias aparentes, um tanto de pelo loiro sob a face, para cuidar da pele fina, transparente, em que ainda circula sangue de vida... O que é? Quando foi? Eu não percebi? Respondia, mas não conseguia concentrar no olhar... só pensava em mim, em sair! E ela, curiosa, dizia: “Você trabalha em outra cidade, minha filha? Tá sempre vindo aqui como passagem para uma viagem”... Sair para viajar, por que não? É ela que fica e eu viajo: como um sonho, solta, para algum outro lugar em que eu experimente vida! Disse que deveria ir, que voltaria a vê-la em setembro, mas só para dizer mesmo... de alguma forma, o sopro que saiu dela me disse, baixinho, que não neste setembro daqui, desse calendário esticado, de data da terra. Mesmo assim disse, como quem diz a si próprio, em respeito ao vento!

Roupa passada e carne queimada:

Barulho que toca, sinos quietos e por detrás da porta é o que é... Que triste! Eu ali com a roupa passada, toda armada, abro a porta e a Dona Auxiliadora diz que Dona Maria já era, já foi! E me pergunta: “Você ficou sabendo?” Eu disse que não; não neste instante, não neste julho, não neste agora.... Que triste! Sofreu porque caiu, se internou e queimaram sua carne! Eu, com o pé na soleira da porta, pergunto se ela quer entrar e ela diz que não! Era só para isso mesmo: para dizer o que é e só.... Depois disso, nenhum vento.... Muitas ideias e velhos sonhos... Mas o sopro já havia sido meses atrás e, naquela ocasião, eu senti! Esperava por isso e sem o vento, sem o sopro, sinto na boca o gosto de carne queimada, de vida morta...que se foi! Jogada ao mar, como cinza... Dona Maria, que andava sempre com Auxiliadora, não senta mais no banco da sala de reunião do condomínio, não balança a cabeça e não aperta minha mão. E agora? Como eu fico? Onde fico? Naquele dia, entrei e saí.... Lá não volto mais.... Ainda posso passar perto, na soleira, mas não há mais sentido e, mesmo com todas as janelas abertas, aquele vento se foi!



Keyla Carolina Perim Vale é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia.

O CORNO

Bruno Sahium Daher

Era uma vez, em um universo paralelo, um planeta muito parecido com a terra, chamado Cornualia. Neste planeta nasciam criaturas semelhantes aos Bebês, chamadas de Cornos. A diferença estava no par de pequenos Chifres e um Pinto de Leite que nasciam com os Cornos. Com uma certa idade, o Corno travava um Duelo de Espadas com o seu Pai, onde o par de Chifres e o Pinto de Leite eram cortados. Neste momento no lugar do Pinto de Leite se desenvolvia uma Vagina ou um Pênis e só então o Corno recebia um nome.

Um dia nasceu um Corno, em que sua Mãe, apesar de amá-lo muito, olhava para ele e o enxergava muito frágil e vulnerável. Toda vez que esboçava um desejo, ele era imediatamente atendido. O pequeno Corno que só conseguia enxergar ele mesmo, através dos olhos da Mãe, começou a ter medo da vida e formar uma percepção de que era muito frágil e não poderia existir sem a Mãe. O olhar da Mãe sobre ele o deixava aterrorizado.

Quando chegou o Duelo de Espadas com o Pai, o momento do corte dos seus Chifres e do Pinto de Leite, tão importante para o seu desenvolvimento, em que teria um Órgão Genital Seu e um Nome, ele se retirou e se escondeu atrás das grandes Abas da Saia de sua Mãe.

A Mãe, por sua vez, com medo de perder a Criatura Amada, escondeu o Corno e espantou o Pai. O Pai desistiu de ser Pai e o Corno passou a ter vergonha na presença dele e começou a ser chamado de Ocorno. A partir do momento que o Ocorno perdeu a chance de ser castrado, se instalou uma carência que tentava ser preenchida, em vão, pelos objetos.

Tudo que o Ocorno olhava, achava que queria, pois não conhecia o desejo, era imediatamente colocado a seu dispor, não existia limite, apenas um Gozo Vazio, já que nem órgão genital ele tinha, somente um Pinto de Leite, que já se atrofiava e não sustentava as de-



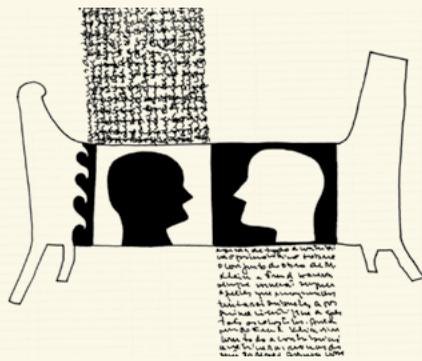
mandas de uma vida adulta, que se impunha com o passar do tempo através da realidade.

Ao mesmo tempo em que ficava cada vez mais difícil conter a voracidade do Ocorno, o seu Pinto de Leite ia ficando mais atrofiado. O Ocorno começou a ansiar por coisas que necessitariam de um embate para obtê-las, não eram apenas objetos que estavam ao alcance de suas Mães/Mãos. Foi se instalando um sentimento de impotência e os objetos que possuía não eram capazes de apaziguar a sua ansiedade.

O Ocorno reviveu o momento da fuga do duelo contra o Pai e saiu do Tudo e se retirou para o Nada. Mas o lugar do Nada lhe era assustadoramente familiar, este estado retirado, aparentemente novo para ele, nada mais era que a outra face do lugar que ele nunca deixou de estar. O Ocorno nunca esteve no espaço-tempo do desejo.



Bruno Sahium Daher é membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da SPBsb e biólogo.



Todas as coisas no mundo são metáforas.

GOETHE